

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo Class.: 20 46

Data: 22.03.81 Pg.: \_\_\_\_\_

# O lento massacre de 20 mil índios

CARLOS ALBERTO LUPPI

Eles estão espremidos entre os trabalhos de asfaltamento dos 1 mil e 500 quilômetros da BR-364 (Cuiabá-Porto Velho), a construção da variante rodoviária de 490 quilômetros, ligando Pontes e Lacerda a Barracão do Queimado - ao Norte de Mato Grosso - e a mineração de ouro, diamante e estanho, mais a construção de outros 20 mil quilômetros de estradas vicinais: junto às milhares de famílias de agricultores que, anualmente, se fixam no Território Federal de Rondônia em busca de terra: eles são quase 20 mil índios, mais de 40 nações diferentes, em Rondônia, Acre, Sul do Amazonas, Vale do Guaporé e Chapada dos Parecis, susceptíveis a todas desventuras de uma ocupação desordenada e nesta região da Amazônia, totalmente indefesos, é mais correto. Expostos à destruição, mais ainda.

A área total dos territórios indígenas desta região, chega a quase 8,5 milhões de hectares de terra, das quais 70% não estão demarcados e nem mesmo delimitados corretamente pela Fundação Nacional do Índio. A demora nas demarcações faz surgir constantes conflitos, ainda mais que esta região Amazônica — do Vale do Guaporé até o Acre — tem sido uma das áreas mais cobiçadas por grandes empresas mineradoras e agropecuárias que, por isso mesmo, invadem frequentemente áreas indígenas sem que a Funai seja capaz de conter esta cobiça.

Ao contrário: em muitos locais, divisões e delimitações erradas feitas pela Funai têm provocado tensões junto a várias populações indígenas, como na região dos Tubarões, Suruis, Pakaas-Novos e Nhambiquaras.

### MASSACRE FISICO-CULTURAL

Após o contato feito com os índios Arara, sertanistas da Funai tentam agora contatar um dos últimos grandes grupos indígenas da região, que permanece arredio à sociedade branca: os Uru-Eu-Wau-Wau, localizados no município de Ariquemias, em Rondônia, numa área estimada de 850 mil hectares. Mas todas as expedições nesse sentido fracassaram e os índios parecem fugir de um contato que, de 1880 para cá, foi muito mais uma agressão do que uma aproximação real. Tanto assim, que nesta parte da Amazônia calcula-se que tenham morrido mais de 80 mil índios nos últimos 80 anos. Soma-se à destruição física, o massacre cultural.

Ao longo dos 1 mil e 500 quilômetros da BR-364 (Cuiabá-Porto Velho), passando pelo Guaporé — cujo asfaltamento será iniciado ao custo de Cr\$ 10 bilhões financiados pelo Banco Mundial dentro do chamado Polonoeste — estão ao todo 7 mil e 600 índios, já sob forte influência da estrada e suas frentes de penetração, incluindo as 450 mil pessoas assentadas em projetos do Incra — principalmente em Rondônia — milhares delas ocupando área tradicionalmente indígena. Em Ron-

dônia, são quase 4 mil índios já contatados e em má situação. No Acre são outros 5 mil índios, praticamente entregues à própria sorte, enquanto o restante se divide entre o Sul do Amazonas, Guaporé, Chapada dos Parecis, Aripuanã, segundo informações do Conselho Indigenista Missionário.

Uma população sem qualquer garantia de sobrevivência física e cultural, ameaçada, por fazendeiros, posseiros, latifundiários e empresas nacionais e multinacionais, que pesquisam minérios e exploram predatoriamente as florestas, diminuindo sensivelmente o espaço vital indígena e deteriorando o meio ambiente. Assim, não causa espanto o triste espetáculo de índios, Suruis, Cintas-Largas e Nhambiquaras mendigando ao longo da BR-364. São apenas exemplos de uma situação, que tende a se agravar nestes próximos anos, pois a Funai não tem condições de proteger eficazmente os índios contra tudo o que os ameaça.

### AS MULTINACIONAIS

Em Rondônia, por exemplo, desde que a Comissão Rondon descobriu extensas reservas de ouro, diamante e estanho, as populações indígenas não tiveram mais sossego. Já em 1972, o milionário Antenor Patiño — que controla 50 por cento do comércio mundial de estanho — chegava ao Território, obtendo enormes facilidades para pesquisar minérios. Logo se descobriu que, em Rondônia, há entre sete a 10 milhões de toneladas de cassi-

terita, o equivalente ao total das reservas mundiais conhecidas. E mais: de cada metro cúbico de cassiterita de Rondônia, pode-se extrair até três quilos de estanho, um índice excelente, ainda mais ao levar-se em conta que na Ásia a obtenção de 500 gramas de estanho, em cada metro cúbico, é considerado um índice "ótimo". A partir destas constatações as nações indígenas dos Suruis, Uru-Eu-Wau-Wau, Uru-Pa-In, Zoro, Cinta-Larga, Arara, Makurap viram-se logo ameaçadas, pois as reservas de estanho localizam-se, principalmente em seu território. Esse também é apenas um exemplo de terras indígenas exploradas por multinacionais na região, sem que a Funai tenha condições de deter o processo de destruição dos povos indígenas.

Noventa por cento de toda esta área — abrangendo principalmente Rondônia, Acre e Sul do Amazonas — esta afeta à 8.ª Delegacia da Funai, chefiada pelo sertanista Apoema Meirelles e sediada em Porto Velho, capital de Rondônia. Com inúmeros problemas, esta Delegacia conta, para este ano, com uma verba de Cr\$ 60 milhões, quantia irrisória diante das necessidades, já que, somente em demarcações, os gastos são muito maiores. Apenas como exemplo: os 2 mil índios existentes no sul do Amazonas e afetos à 8.ª Delegacia — aldeias de Paumari, Parintintim, Juma, Deni, Apurinãs, Tenharim, Jamamadi — estão completamente desassistidos e nestes locais a Funai não tem nada.